

MASCULINIDADE NEGRA E HOMOSSEXUAL REPRESENTADA EM *BOM-CRIOULO* SOB UM OLHAR INTERSECCIONAL

Black and homosexual masculinity represented in “Bom-crioulo”, from an
intersectional view

Rafael Cardoso Gomes¹

<https://orcid.org/0000-0003-0825-7612> 

¹Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública,
Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Manguinhos, Rio
de Janeiro, RJ, Brasil. 21041-210 – posgrad-sp@fiocruz.br

Resumo: Este ensaio analisa a representação da masculinidade negra homossexual no romance *Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, a partir de uma abordagem interseccional. Considerada a primeira obra da literatura brasileira a tratar explicitamente da homossexualidade, *Bom-Crioulo* insere seu protagonista em uma narrativa que reforça estereótipos racistas e homofóbicos, desumanizando-o por meio da hipersexualização e da violência. A análise baseia-se no conceito de masculinidade hegemônica, formulado por Raewyn Connell e James Messerschmidt (2013), que estabelece um modelo normativo de masculinidade associado à heterossexualidade compulsória, à virilidade e à dominação. Nesse contexto, masculinidades que fogem desse padrão, como a negra e homossexual, são relegadas a posições subalternas. O pensamento de Frantz Fanon (2008) também contribui para a compreensão da construção social do homem negro como um corpo objetificado e destituído de subjetividade. A partir da interseccionalidade, proposta por Kimberlé Crenshaw (1989), este ensaio evidencia como raça e sexualidade se cruzam na marginalização do protagonista. Além das implicações literárias e sociais, a análise destaca os impactos dessas representações na saúde mental de homens negros homossexuais, que vivenciam múltiplas formas de exclusão e discriminação. Ao problematizar essas questões, este ensaio reforça a necessidade de revisitar criticamente narrativas como *Bom-Crioulo*, promovendo novos olhares sobre as masculinidades dissidentes e suas possibilidades de resistência.

Palavras-chave: masculinidade negra; racismo estrutural; homofobia; interseccionalidade.

Abstract: This essay analyzes the representation of Black homosexual masculinity in the novel *Bom-Crioulo* (1895) by Adolfo Caminha from an intersectional perspective. Considered the first work in Brazilian literature to explicitly address homosexuality, *Bom-Crioulo* portrays its protagonist through a narrative that reinforces racist and homophobic stereotypes, dehumanizing him through hypersexualization and violence. The analysis is based on the concept of hegemonic masculinity, developed by Raewyn Connell and James Messerschmidt (2013), which establishes a normative model of masculinity associated with compulsory heterosexuality, virility, and domination. In this context, masculinities that deviate from this standard, such as Black and homosexual masculinities, are relegated to subordinate positions. Frantz Fanon's (2008) perspective contributes to understanding how Black men have historically been socially constructed as objectified bodies deprived of subjectivity. Drawing on the concept of intersectionality proposed by Kimberlé Crenshaw (1989), this essay highlights how race and sexuality intersect in the protagonist's marginalization.

Beyond its literary and social implications, the analysis also underscores the impact of such representations on the mental health of Black homosexual men, who experience multiple forms of exclusion and discrimination. By problematizing these issues, this essay emphasizes the need for a critical reassessment of narratives like *Bom-Crioulo*, fostering new perspectives on dissident masculinities and their possibilities for resistance.

Keywords: black masculinity; structural racism; homophobia; intersectionality.

Introdução

A masculinidade, enquanto construção social, tem sido amplamente debatida nos estudos de gênero, especialmente no que diz respeito às suas múltiplas formas e interseccionalidades. A literatura, como reflexo da sociedade, desempenha um papel fundamental na representação dessas masculinidades, evidenciando normas, contradições e tensionamentos acerca do que significa “ser homem”. No Brasil, a masculinidade negra e homossexual tem sido historicamente invisibilizada ou retratada de maneira estereotipada, reforçando discursos racistas e homofóbicos que impactam diretamente a subjetividade e a saúde mental dessa população.

O romance *Bom-Crioulo* (1895), do autor brasileiro Adolfo Caminha, é um marco na literatura brasileira por ser a primeira obra a abordar a homossexualidade de forma explícita. No entanto, sua narrativa, inserida no contexto do Naturalismo, apresenta uma visão patologizante e animalizada da homossexualidade e da masculinidade negra, reproduzindo os discursos racistas e heteronormativos da época. Diante disso, este estudo propõe uma análise interseccional da masculinidade negra homossexual representada na obra, considerando os atravessamentos entre raça, sexualidade e gênero.

Para compreender essa construção, é essencial recorrer ao conceito de masculinidade hegemônica, desenvolvido por Raewyn Connell e James Messerschmidt (2013). A masculinidade hegemônica refere-se a um modelo normativo de masculinidade que ocupa a posição dominante na hierarquia de gênero e é pautada por características como força, virilidade, heterossexualidade compulsória e dominação sobre outros homens e sobre as mulheres. Embora poucos homens consigam reproduzir integralmente esse ideal, ele impõe padrões e expectativas que regulam e hierarquizam todas as masculinidades. Dessa forma, a masculinidade negra e homossexual encontra-se em uma posição subalternizada, sendo constantemente desqualificada e desumanizada.

O psiquiatra Frantz Fanon (2008) contribui para essa discussão ao evidenciar como o racismo colonial destituiu o homem negro de sua humanidade, reduzindo-o a uma corporeidade bestializada e hipersexualizada. A construção da masculinidade negra, sob essa ótica, é atravessada pela objetificação do corpo negro como instrumento de trabalho ou de prazer, ao mesmo tempo em que sua subjetividade é negada. O pensamento fanoniano é fundamental para compreender como *Bom-Crioulo* (1895) reforça tais representações, conferindo ao protagonista, Amaro, uma masculinidade marcada pela força física, pela violência e pela irracionalidade, em contraposição à brancura delicada e desejável de Aleixo.

A partir do conceito de interseccionalidade, desenvolvido por Kimberlé Crenshaw



(1989) e aprofundado por autoras como Patricia Hill Collins (2000) e Carla Akotirene (2019), busca-se compreender como diferentes sistemas de opressão atuam conjuntamente na construção das identidades marginalizadas. Além disso, serão exploradas as implicações dessas representações para o imaginário social e para a saúde mental de homens negros homossexuais, destacando como o racismo e a homofobia estruturam experiências de exclusão e vulnerabilidade.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo principal discutir como a masculinidade negra homossexual é retratada em *Bom-Crioulo* (1895), analisando os discursos que atravessam essa representação e suas repercussões na compreensão contemporânea das masculinidades dissidentes. Ao problematizar essas questões, espera-se contribuir para o debate sobre a pluralidade das masculinidades e as possibilidades de resistência e ressignificação frente às normatividades impostas.

A obra em linhas gerais

A obra *Bom-Crioulo* (1895) foi escrita sob a ótica do Naturalismo – movimento que, segundo a historiadora Celi Mendes (2006), caracterizava-se por retratar a realidade social com rigor descritivo, explorando temas políticos e problemas urbanos por meio de personagens com traços animais. O romance em questão é narrado em terceira pessoa, de forma linear, conduzindo o leitor por uma trama repleta de mistérios que despertam curiosidade e criam um suspense sobre os próximos acontecimentos. A relação entre os dois protagonistas se desenrola em dois cenários principais: o navio – uma corveta – em alto-mar e uma pensão localizada no subúrbio do Rio de Janeiro, mais precisamente na Rua da Misericórdia. O autor descreve com riqueza de detalhes a rotina na Marinha, valendo-se de sua própria experiência, já que serviu às Forças Armadas por alguns anos.

Amaro, protagonista do livro, é um jovem negro e homossexual que havia fugido de uma fazenda de café no Rio de Janeiro e se alista na Marinha Brasileira, onde encontra a liberdade na condição de marinheiro de segunda classe. Ele é descrito como um homem de porte físico grande e musculoso. Mostrando ser muitas vezes melhor que outros marinheiros, devido sua disciplina, generosidade, resistência e força física, recebeu a alcunha de “Bom-Crioulo”, posição essa que só era ameaçada pelo vício em bebida alcoólica, já que em decorrência dele, Amaro envolvia-se em brigas e confusões quando estava em terra firme.

Na tripulação do mesmo navio estava Aleixo, aprendiz de marinheiro por quem Amaro se apaixona. Ele é um adolescente branco, bissexual, dos olhos azuis e corpo magro, sendo uma contraposição física ao perfil do “Bom-Crioulo”. Aleixo chamou a atenção de Amaro pela alva beleza e candura, despertando interesse e atração sexual pelo jovem grumete. A trama do romance se constitui a partir da relação entre esses dois personagens, com seus conflitos, emoções e inaptações sociais, o que, por conseguinte, aponta um enredo dramático com desfechos fatídicos.

O “Bom-Crioulo” apresentava um comportamento intempestivo motivado pela paixão



que nutria por Aleixo. Assim, com o intuito de protegê-lo de possíveis castigos e afrontamentos, ele teve alterada suas relações com seus superiores e demais marinheiros. Passados alguns meses, já em terra firme, esses dois homens passaram a viver juntos em um quarto de uma pensão carioca senhoriada por Dona Carolina, uma prostituta portuguesa que Amaro salvara de um assalto e que nutria por este uma gratidão.

Os dois marinheiros viviam um para o outro, mantendo uma vida quase marital. Suas semanas eram marcadas mais por encontros do que por desencontros, tornando-os cúmplices que aprofundaram a amizade iniciada em alto-mar para um relacionamento amoroso e sexual. A relação começa a mudar após Amaro ser realocado para uma nova embarcação com regras bem mais rígidas, na qual teria folga apenas uma vez por mês. Iniciou-se, naquele momento, o declínio do relacionamento, culminando no posterior envolvimento de Aleixo com a senhora da pensão, Dona Carolina, a qual durante a ausência de Amaro, começa a seduzir Aleixo, que se deixa levar, apaixonando-se por ela.

O que se segue no romance é uma progressiva degeneração física e psicológica de Amaro que, sucumbindo ao vício da bebida, é castigado por ter arranjado confusão no navio em que estava, sendo transferido para um hospital-prisão. É lá que ele descobre a traição de Aleixo com Dona Carolina. Ele foge da prisão e, quando chega perto da pensão, encontra Aleixo e o mata com uma navalhada. Assim termina a obra de Caminha, uma perfeita história de perversão sexual que se desdobrou no desfecho trágico desse triângulo amoroso, retratando de forma realista a sociedade.

Constituindo-se como uma obra fundamental para pensar a questão da homossexualidade pelo viés literário com exemplificações das representações sociais acerca do tema, o romance em questão trouxe à época temáticas que até então eram grandes tabus sociais para além da própria homossexualidade, tais como: relacionamentos interracialis, o tratamento punitivo e os castigos físicos aplicados na Marinha brasileira.

Por conseguinte, a obra foi duramente criticada, recebendo críticas negativas avassaladoras, que atribuíam ao livro uma narrativa transgressora e abominável. Dado o seu contexto de inscrição (o naturalista), o livro expressa posições racistas e homofóbicas, animalizando e patologizando o comportamento sexual dos personagens, interseccionando questões de raça, gênero e sexualidade.

Um olhar interseccional

A interseccionalidade é um conceito fundamental da teoria crítica de raça formulado pela feminista afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw. A primeira apresentação do conceito ocorreu em seu artigo de 1989, intitulado *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory, and Antiracist Politics*. Nesse trabalho, Crenshaw questiona as análises fragmentadas que tratam gênero e raça de forma isolada, além da incapacidade dessas abordagens de considerar a multidimensionalidade das experiências das mulheres negras. Ela aponta que tanto o feminismo quanto o movimento negro enfrentam essa limitação.



Crenshaw, uma pesquisadora e ativista da teoria legal afro-americana, especialmente no campo dos direitos civis, desenvolveu a noção de interseccionalidade a partir da análise das políticas norte-americanas voltadas ao combate às discriminações de raça e gênero. Para Crenshaw (1989), existe uma interrelação entre gênero e raça, bem como com outras categorias de diferença, que moldam as experiências vividas por mulheres negras. Assim, a interseccionalidade é essencial para evitar interpretações reducionistas ou essencialistas, permitindo uma visão mais completa das experiências e identidades.

Em 1993, Crenshaw aprofunda o conceito em seu artigo *Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color*, em que descreve as localizações interseccionais de marginalização estrutural das mulheres negras, ancoradas na teoria crítica de raça. Ela afirma que a interseccionalidade surge como um paradigma teórico e metodológico dentro da tradição feminista negra, fornecendo ferramentas para entender como o racismo, o sexismo e outras formas de violência se sobrepõem, gerando desigualdades únicas para as mulheres negras.

Na versão de 2002 de seu texto, *Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero*, Crenshaw (2002) define a interseccionalidade como uma concepção do problema que visa capturar as dinâmicas estruturais da interação entre múltiplos eixos de subordinação. Ela analisa como o racismo, o patriarcado, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios geram desigualdades que estruturam as posições relativas de grupos sociais e de gênero, e ainda, como políticas específicas geram opressões ao longo desses eixos, perpetuando o desempoderamento. Crenshaw propõe a interseccionalidade como um aporte teórico e metodológico crucial para refletir sobre as múltiplas exclusões e criar estratégias para enfrentá-las.

Embora o conceito de interseccionalidade tenha sido cunhado por Crenshaw, ele também foi expandido por outras pensadoras. Patricia Hill Collins (1988), por exemplo, se dedicou a entender como os marcadores sociais de gênero e raça posicionam as mulheres negras em lugares específicos, a partir dos quais elas podem enxergar tanto a margem quanto o centro da sociedade. Collins introduziu o conceito de *outsider within* (forasteiras de dentro), referindo-se às mulheres negras, que, por sua localização social, têm uma perspectiva única sobre as opressões que vivenciam.

No Brasil, Carla Akotirene é uma das autoras que adotou e desenvolveu o conceito de interseccionalidade, apresentando-o como uma metodologia crítica. Em seu livro *Interseccionalidade* (2019), Akotirene propõe a interseccionalidade como um instrumento teórico-metodológico capaz de combater as violências multifacetadas baseadas na combinação de raça, gênero, classe e outros fatores. Ela critica abordagens influenciadas por uma perspectiva ocidental, que muitas vezes apagam outras formas de conhecimento e experiências. A autora considera a interseccionalidade não apenas como uma teoria, mas como uma ferramenta prática para combater o racismo, o capitalismo e o



cisheteropatriarcado, estruturados no pensamento colonialista. Em suas palavras, a interseccionalidade está no coração da luta das mulheres negras e deve ser vista como um “sistema de opressão interligado” (Akotirene, 2019, p. 18), como também foi descrito por Collins.

A interseccionalidade, portanto, é uma chave de leitura indispensável para entender as múltiplas formas de opressão e suas interações, proporcionando uma análise mais profunda das desigualdades estruturais que atravessam as identidades sociais e de gênero. Ao considerar essas múltiplas dimensões, podemos desenvolver uma perspectiva que valoriza as experiências coletivas e interconectadas das mulheres negras e outros grupos marginalizados, como por exemplo, dos homens negros homossexuais.

A teoria da interseccionalidade oferece um referencial teórico essencial para analisar as representações de masculinidade negra homossexual presentes na obra *Bom Crioulo* (1895), uma vez que o conceito de interseccionalidade permite uma abordagem que não fragmenta as identidades de raça, gênero e sexualidade, do contrário: considera as interações dinâmicas entre essas categorias para compreender as experiências dos indivíduos.

Dessa forma, o relacionamento homoafetivo entre Aleixo e Amaro pode ser lido à luz da interseccionalidade, pois a obra reflete a confluência de múltiplas formas de opressão que os personagens enfrentam. Essa perspectiva revela como a identidade negra e a sexualidade homossexual não devem ser analisadas isoladamente, mas como dimensões que se entrelaçam e moldam as experiências de subordinação, tanto no contexto social, quanto dentro da própria estrutura de poder da marinha, marcada pelo racismo e pelo patriarcado.

A interseccionalidade permite perceber como a masculinidade negra é representada na obra, não apenas como um reflexo de normas culturais sobre o que significa ser homem, mas também como uma construção social afetada pela posição racial dos personagens. A figura do “Bom-crioulo”, ao mesmo tempo que é um símbolo de virilidade, também é marcada por uma vulnerabilidade imposta pela sua condição de negro e homossexual, o que é reforçado pelas expectativas sociais e pela violência que os personagens sofrem em decorrência de sua identidade.

Masculinidades hegemônicas e não-hegemônicas: o “Bom-crioulo” em questão

A masculinidade é uma experiência coletiva em que o homem busca reconhecimento por meio de práticas com as quais conquistará visibilidade e status social perante seu grupo. Expressões como “Aja como um homem”, “O homem é o chefe da família” e “Homem que é homem não chora” representam concepções do que significa ser homem no contexto social (Souza, 2013).

Essas afirmações são ditas aos meninos desde a infância, preparando-os para um futuro pautado por tais expectativas. Dessa forma, a masculinidade pressupõe um conjunto de características que compõem um modelo ideal e são atribuídas aos homens com base



na condição biológica de pertencimento ao sexo masculino. Entre essas características, destacam-se a agressividade, a insensibilidade e o domínio.

Em nossa cultura, é comum que meninos usem roupas nas cores azul, verde e amarela ao nascer. Além disso, é frequente o uso de estampas de super-heróis norte-americanos, como Batman, Superman e Hulk, assim como figuras de animais e carros, ainda é habitual que os meninos aprendam a andar e chutar bola simultaneamente (Oliveira, 2017).

As decorações dos quartos infantis também refletem essas construções sociais: nos quartos dos meninos, principalmente de famílias de classe média e alta, encontram-se objetos que remetem à ação, ao mundo exterior e à tecnologia, como instrumentos musicais, réplicas de carros e barcos, bandeiras de países e videogames. Em contrapartida, nos quartos das meninas predominam elementos associados à introspecção e passividade, como espelhos, pôsteres, fotos, livros e bonecas (Funck, 2008). Essas concepções são materializadas a partir da pergunta feita às mulheres grávidas: “Qual é o sexo do bebê?”. Corpos supostamente femininos são destinados à feminilidade, enquanto corpos supostamente masculinos são destinados à masculinidade (Oliveira, 2017).

Berenice Bento (2011, p. 550) aponta que a materialidade do corpo só adquire inteligibilidade quando se anuncia o sexo do feto. Segundo a autora:

Toda a eficácia simbólica das palavras proferidas pelo/a médico/a está em seu poder mágico de gerar expectativas que serão materializadas posteriormente em brinquedos, cores, modelos de roupas e projetos para o/a futuro/a filho/a antes mesmo de o corpo vir ao mundo.

Quando a criança nasce, encontra uma complexa rede de desejos e expectativas para seu futuro, construídas a partir do fato de ser menino ou menina, ou seja, de ter um pênis ou uma vagina. Essas expectativas são estruturadas em pressupostos sobre comportamentos, gostos e subjetividades, que acabam por antecipar efeitos que se supõem causas.

Ao considerar abandonar os atributos tradicionalmente associados à masculinidade, Carlos Serra (2018, p. 7) propõe entendê-la como um “conjunto de atributos pelos quais o homem acredita ser macho, forte e corajoso”. Assim, o que significa masculinizar um corpo na cultura brasileira? E quais são os custos dessa construção da masculinidade? (Oliveira, 2017).

A masculinidade hegemônica, conceito desenvolvido por Robert W. Connell e James W. Messerschmidt (2013), refere-se à padronização de práticas que regulam o que é ser homem. Embora não seja a experiência majoritária entre os homens, essa masculinidade é normativa, exigindo que todos os homens se posicionem em relação a ela (Connell; Messerschmidt, 2013).

O sociólogo Michael Kimmel (1998) propõe o termo “masculinidades” para destacar que não existe uma essência fixa e universal do que é ser homem, mas um conjunto de significados e comportamentos em constante transformação. Miguel Vale de Almeida



(1995), em seu estudo etnográfico *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*, investiga o que significa ser homem do ponto de vista social e conclui que a masculinidade não se reduz a características sexuais, mas a um conjunto de atributos morais e comportamentais socialmente sancionados e constantemente negociados.

A masculinidade hegemônica confere privilégios aos que se conformam a ela e desfavorece aqueles que não a reproduzem. Na sociedade ocidental capitalista, esse padrão é representado pelo homem cis, branco, heterossexual e de classe média alta, estabelecendo uma hierarquia entre as masculinidades (Rodríguez, 2019). De acordo com Connell e Messerschmidt (2013), além da heterossexualidade, a masculinidade hegemônica é caracterizada pela virilidade, pela força, pelo papel de provedor e pelo uso da violência.

A relação entre masculinidade e poder também se manifesta na oposição entre atividade e passividade no contexto sexual. Na cultura brasileira, a penetração é associada à atividade masculina, enquanto a passividade é ligada ao feminino e à homossexualidade, reforçando hierarquias de gênero e sexualidade (Sáez; Carrascosa, 2016; Fry, 1982).

Kimmel (1998) destaca que as masculinidades são atravessadas por relações de poder que envolvem gênero, raça, sexualidade e classe. Assim, elementos como racismo, sexismo e homofobia são estruturantes da construção social das masculinidades.

No Brasil, homens negros são frequentemente considerados com uma experiência inferior de masculinidade, devido ao menor status social e às limitações de acesso a recursos e poder (Souza, 2013). Dessa forma, a problematização das masculinidades permite compreender seus impactos negativos e buscar formas de transformação. Como apontam os autores Benedito Medrado, Jorge Lyra e Marcela Azevedo (2011, p. 40), investigar masculinidades envolve discutir preconceitos e estereótipos e construir outras possibilidades de existência.

O personagem “Bom-Crioulo”, como um homem pobre, negro e homossexual, intersecciona as questões de opressões como a pobreza, homofobia e racismo estrutural. O racismo estrutural consiste em uma “forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento” (Almeida, 2019, p. 22) e manifesta-se por meio de práticas que culminam em uma série de desvantagens para a população negra, capazes de desconsiderar a humanização dela. Nessa perspectiva, o “Bom-Crioulo”, por inúmeras vezes, foi coisificado, tratado animal, objeto, dentre outras possibilidades que o destituíram da condição de sujeito humano.

Fanon (2008) destaca que o homem negro é dessensibilizado de inúmeras maneiras, a começar pela ideia de mercadoria e de animalização do corpo negro, desempossando-o dos sentimentos e da racionalidade humana. Esse processo foi apresentado pelo processo de colonização e se mantém por meio da colonialidade do poder, a qual trata-se da constituição de um poder mundial capitalista, moderno/ colonial e eurocentrado, a partir da criação da ideia de raça – biologicamente imaginada para naturalizar os colonizados como inferiores aos colonizadores (Quijano, 2005). Assim, salienta-se que a destituição de

humanidade do homem negro tem como consequência a ideia de que ele não demanda cuidados, sendo dotado apenas de força e brutalidade.

É possível observar esses aspectos na descrição de Amaro: “um latagão de negro, muito alto e corpulento, figura colossal de cafre, desafiando, com um formidável sistema de músculos, a morbidez patológica de toda uma geração decadente e enervada [...]” (Caminha, 1895, p. 5). Nesse trecho é notável que o corpo de Amaro é reduzido à adjetivos que enfatizam a força bruta, reproduzindo a lógica colonial que coisifica o homem negro, transformando-o em um instrumento de trabalho.

Ao longo do romance, há trechos em que é possível constatar o modo animalesco ao se referir à Amaro: “[...] flexibilidade e destreza felinas” (Caminha, 1895, p. 6); “Um animal inteiro é o que ele era!” (Caminha, 1895, p. 10); “ímpetos de touro” (Caminha, 1895, p. 45); “animal com formas de homem” (Caminha, 1895, p. 45), que reforçam a desumanização dele, reduzido sua existência a instintos animais consolidando, mais uma vez, o pensamento colonialista.

Como evidenciado acima, há aspectos descritivos relacionados ao “Bom-Crioulo” que são lidos de forma desumanizada. Nesse sentido, o seu desejo sexual e seus sentimentos foram interpretados da mesma forma, assim como era expressado com uma masculinidade viril, forte e dominadora: “O desejo fisiológico da posse mútua, essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a o Bom-Crioulo ao cruzar pela primeira vez com o grumetizinho” (Caminha, 1895, p. 11).

Ao pensar sobre a sexualidade humana, a antropóloga Laura Moutinho (2004) destaca que no imaginário da sexualidade brasileira, tendo como base as supostas habilidades eróticas especiais, são atribuídas aos homens negros significações e corporeidades com as quais estes precisaram lidar (Moutinho, 2004). Destarte, existem mitos sobre os homens negros os quais estão diretamente ligados à construção histórica colonial.

Nessa perspectiva, o “Bom-Crioulo” (negão) é reconhecido pela extensão do seu pênis, visto que o negão é lido como um homem forte, com porte físico para garantir a segurança de seu próprio corpo e de outros corpos, sobretudo os brancos, conforme é evidenciado no trecho: “eu me chamo Bom-Crioulo, não se esqueça. Quando alguém o provocar, lhe fizer qualquer coisa, estou aqui, eu, para o defender, ouviu?” (Caminha, 1895, p. 11).

O homem negro, nesse sentido, deve ser o “bem dotado”, o penetrador, o ativo, recorrendo ao mito segundo o qual os homens negros possuem qualidades sexuais excepcionais, sendo a principal delas o pênis de tamanho avantajado (e aqui cabe dizer que essa é uma imagem própria do imaginário racista).

O *Bom-crioulo* (1895) retrata algo que para o antropólogo Peter Fry (1982) é de extrema importância: na cultura brasileira, a Atividade (em contraste à passividade) é sinônimo de penetração sexual, nesse caso, é legítimo o homem que “come”, isto é, que

penetra com seu sexo o corpo do outro, independentemente de ser outra mulher ou outro homem, sem perder sua masculinidade; já os homens penetrados são feminilizados.

Assim, a proporção de atividade perpassa pela constituição do masculino e a de passividade perpassa pela constituição do feminino e estabelece uma hierarquia de dominação e submissão. Na obra, essas questões estão expressas, respectivamente, nos trechos: “Estava satisfeito: mostrara ainda uma vez que era homem [...] Depois estimava o grumete e tinha certeza de o conquistar inteiramente, como se conquista uma mulher formosa, uma terra virgem, um país de ouro... Estava satisfeitíssimo!” (Caminha, 1895, p. 6).; “Faltavam-lhe os seios para que Aleixo fosse uma verdadeira mulher! [...]” (Caminha, 1895, p. 28). Nestes, ficam evidentes os aspectos descritos por Fry (1982), expressos na caracterização da relação sexual entre Amaro e Aleixo. A figura expressa de Amaro, impregnada da lógica colonial, rotula seu corpo no papel de penetrador em concomitância à feminilização de Aleixo, que é penetrado.

Impera-se dizer que de forma paradoxal o livro retrata a homossexualidade como uma aberração da natureza humana: “E consumou-se o delito contra a natureza” (Caminha, 1895, p. 20). E nesses termos, traz à tona a moral sexual brasileira herdeira fiel do judaísmo-cristianismo: “Sodoma ressurgia agora numa triste e desolada baiúca da rua da Misericórdia” (Caminha, 1895, p. 28), fazendo referência às narrativas bíblicas de Sodoma e Gomorra, cidades destruídas pelo Deus cristão em decorrência dos pecados praticados por seus habitantes, moral esta que se resume em eliminar, perseguir, humilhar e matar de inúmeras formas pessoas que se encontram fora da norma heterossexual.

Considerações finais

A análise da masculinidade negra homossexual no romance *Bom-Crioulo* evidencia como os discursos racistas e heteronormativos operam na construção de subjetividades marginalizadas. A obra, ao mesmo tempo em que inaugura uma representação explícita da homossexualidade na literatura brasileira, reforça estereótipos que desumanizam o protagonista negro, retratando-o como violento, hipersexualizado e incapaz de controlar seus impulsos. Esse enquadramento se alinha ao conceito de masculinidade hegemônica (Connell; Messerschmidt, 2013), que define um padrão normativo de masculinidade baseado na força, no domínio e na heterossexualidade compulsória, relegando outras formas de masculinidade a posições subalternas.

Sob uma perspectiva interseccional (Crenshaw, 1989), fica evidente que a opressão enfrentada por Amaro não pode ser compreendida apenas pelo viés da homossexualidade ou da negritude isoladamente, mas sim pela sobreposição dessas categorias. A masculinidade negra, já historicamente inferiorizada no contexto colonial e pós-colonial (Fanon, 2008), torna-se ainda mais precarizada quando dissidente da norma heterossexual. O romance reflete esse cenário ao construir um protagonista cujas características físicas e comportamentais o afastam da humanidade plena, inserindo-o em um ciclo de violência e degradação que culmina na tragédia final.



Além das implicações literárias e sociais, essa análise reforça a necessidade de um olhar atento às repercussões dessas representações na saúde mental de homens negros homossexuais. O racismo e a homofobia interseccionados geram um contexto de vulnerabilidade psíquica, marcado por isolamento, exclusão e experiências de rejeição que impactam profundamente a subjetividade dessa população. Como apontam Lucas Veiga (2019) e Daniel Borillo (2010), as normas sociais impõem barreiras tanto externas quanto internas, dificultando processos de aceitação e pertencimento.

Diante dessas reflexões, destaca-se a importância de revisitar obras como *Bom-Crioulo* (1895) a partir de perspectivas críticas que problematizam suas representações e trazem novas leituras sobre masculinidades dissidentes. O estudo das masculinidades negras e homossexuais deve continuar avançando, não apenas para desconstruir paradigmas excludentes, mas também para criar novos espaços de reconhecimento e resistência.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Salvador: EDUFBA, 2011.

BORILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CAMINHA, Adolfo. **Bom-Crioulo**. Rio de Janeiro: Domingos de Magalhães Editor, 1895; Brasília: Biblioteca Nacional Digital. *E-book*. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/bom_crioulo2.pdf. Acesso em: 24 set. 2023.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. Hegemonic masculinity: rethinking the concept. **Gender & Society**, v. 19, n. 6, p. 829-859, 2013.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review**, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1993.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FRY, Peter. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FUNCK, Susana. O quarto das meninas e dos meninos: um estudo sobre identidade de gênero na infância. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 24, n. 3, p. 367-376, 2008.



KIMMEL, Michael. **Masculinities and democracy**: masculinity and the transition to democracy in the public sphere. New York: Oxford University Press, 1998.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge; AZEVEDO, Marcela. Masculinidades, saúde e violência: diálogos e perspectivas. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 1, p. 37-55, 2011.

MENDES, Celi Regina Jardim Pinto. Naturalismo na literatura brasileira: uma visão crítica. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 8, p. 45-61, 2006.

MOUTINHO, Laura. **Razão, cor e desejo**: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais inter-raciais no Brasil e na África do Sul. São Paulo: UNESP, 2004.

OLIVEIRA, João. Gênero, infância e consumo: brinquedos e as construções das masculinidades e feminilidades. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 165, p. 552-578, 2017.

QUILJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. **Revista de Ciências Sociais**, v. 1, n. 2, p. 1-35, 2005.

RODRIGUEZ, Bruno. Masculinidades subordinadas e hegemonia: um estudo sobre a hierarquia das masculinidades na sociedade contemporânea. **Revista de Estudos de Gênero e Sexualidade**, v. 15, p. 89-107, 2019.

SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **El desafío de las masculinidades**: heterodesignaciones, identidades y discursos de resistencia. Barcelona: Bellaterra, 2016.

SERRA, Carlos. Masculinidade e cultura: entre a tradição e a mudança. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 33, n. 98, p. 5-22, 2018.

SOUZA, Rolf Ribeiro de. Falomaquia: homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do Ocidente. **Revista Antropolítica**, Niterói, RJ, n. 34, p. 35-52, 2013.

VEIGA, Lucas. Homens negros gays e a diáspora afetiva: racismo, solidão e resistência. **Revista Estudos de Gênero e Diversidade**, v. 5, n. 1, p. 73-92, 2019.

NOTAS DE AUTORIA

Rafael Cardoso Gomes (rafaelcardosogomes@yahoo.com.br) é doutorando em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública – ENSP/FIOCRUZ. Possui mestrado em Saúde Pública (2022) pela Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz – ENSP/FIOCRUZ. Especialista em Psicologia da Saúde. Especialista em Psicanálise. Especialista em Gestão em Saúde Pública. Possui graduação em Psicologia – Institutos Superiores de Ensino do CENSA – ISECENSA. Atuando principalmente nos seguintes temas: Masculinidades, Relações Raciais, Homofobia e Saúde mental.

Agradecimentos

Não se aplica.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

GOMES, Rafael Cardoso. Masculinidade negra e homossexual representada em *Bom-crioulo*, sob um olhar interseccional. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 30, p. 01-13, 2025.

Contribuição de autoria

Não se aplica.



Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 09/02/2025

Revisões requeridas em: 26/05/2025

Aprovado em: 03/08/2025

Publicado em: 18/08/2025

